

O HOMEM EM FACE DAS CONTRARIEDADES DA VIDA, SEGUNDO ALBERT CAMUS

Lucas Martins Ferreira de Figueirêdo¹

Suderlan Tozo Binda²

RESUMO

O presente trabalho de conclusão do curso tem como tema “O homem em face das contrariedades da vida, segundo Albert Camus”. Esta pesquisa nasceu com o objetivo de evidenciar a capacidade humana de superação das barreiras impostas à sua existência refletindo sobre a condição humana em relação a si própria, ao mundo e às pessoas. A problemática deste trabalho acadêmico versou sobre o homem, situado no contexto contemporâneo, face às circunstâncias que o fazem sentir-se impotente. Tratando-se de uma pesquisa de cunho exploratório-bibliográfico, tal trabalho apoiou-se substancialmente no livro *O Mito de Sísifo*, de Albert Camus, somado às contribuições filosóficas de Sócrates e Sartre, e literárias da Bíblia, de Dostoiévski, Homero e Sófocles. Além disso, foram usados artigos que tratam de temas científicos, filosóficos e sociológicos, procurando enriquecer o conteúdo com mais afinco. Este estudo chegou à conclusão de que o ser humano é capaz de se impor diante das situações outorgadas pela vida, através da autoconscientização, da rebeldia e da liberdade, processos esses que conduzem o homem à responsabilidade consigo e com o contexto que o circunda, levando-o à possibilidade de caminhar.

Palavras-chave: Camus; Vida; Contrariedades; Homem; Consciência.

ABSTRACT

This course conclusion work has the theme “Man in the face of life's setbacks, according to Albert Camus”. This research was created with the objective of showing the human capacity to overcome the barriers imposed on its existence, reflecting on the human condition in relation to itself, to the world and to people. The problematic of this academic work was about the man, situated in the contemporary context, in face of the circumstances that make him feel powerless. As an exploratory-bibliographic research, this work was substantially supported by the book *The Myth of Sisyphus*, by Albert Camus, added to the philosophical contributions of Socrates and Sartre, and literary contributions from the Bible, by Dostoevsky, Homer and Sophocles. In addition, articles dealing with scientific, philosophical and sociological themes were used, seeking to enrich the content with more determination. This study reached the conclusion that the human being is able to impose himself in the face of situations granted by life, through self-awareness, rebellion and freedom, processes that lead

¹ Graduando do curso de Bacharel em Filosofia do Centro Universitário Salesiano. Email: lucasmartins1482@gmail.com

² Possui graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1997), Pós-graduação em Filosofia Clínica pela Faculdade Bagozzi (2002) e mestrado em Filosofia Sistemática pela Pontifícia Università Gregoriana — Roma — (2006). Atualmente é professor do Centro Universitário Salesiano. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em História da Filosofia e Filosofia Sistemática.

man to responsibility with himself and with the context that surrounds him, leading him to the possibility of walking.

Keywords: Camus; Life; Setbacks; Man; Conscience.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho lança-se na discussão do relacionamento do homem com a vida. Tendo observado o ser humano rodeado por diversos desafios biológicos, psíquicos e sociais, que o afetam e afetam diretamente a sua vida, esta pesquisa, debruçando-se neste conflito, busca evidenciar a grandeza humana frente às controvérsias da vida.

O homem, segundo Camus, pode se consolidar no mundo afirmando-se, aplicando sobre o mundo sua existência, conscientizando-se de suas restrições e revoltando-se em vista da superação dos seus limites.

Possuindo como objetivo trabalhar o homem, em contato com as situações emblemáticas da vida, em vista da sua valorização, esta pesquisa realiza-se tendo como principal apoio o livro *O mito de Sísifo*, de Albert Camus. Tal obra traz à discussão os principais instrumentos para o desenvolvimento do conteúdo, fundamentando-o e propiciando, ao mesmo, alternativas para o seu progresso.

Buscando realçar a discussão sobre o ato de viver na expectativa de gerar conscientização sobre o tema, o conteúdo compromete-se em fornecer condições filosóficas capazes de refletir sobre os entraves existenciais, visando evidenciar a capacidade humana de superação dos mesmos e não o contrário. Tal empenho resulta na constituição de uma mentalidade lúcida frente à vida e, como consequência, uma postura responsável frente ao mundo e às pessoas.

É apropriado dizer que as hipóteses deste trabalho vão se comprovando ao longo do desenvolvimento dele, dado que, são conjecturadas como respostas à discussão do trabalho que: a. É preciso valorizar a conscientização do ser humano; b. É preciso valorizar o ser humano enquanto protagonista da própria história; c. É preciso valorizar a percepção do homem quanto ao seu poder de afrontamento diante das realidades adversas. Cabe afirmar, reiterando o que já foi dito, que tais pressupostos foram confirmados anteriormente e manifestam-se durante toda a pesquisa.

Importa revelar que a principal justificativa para sustentar o presente projeto de pesquisa reside na importância que o tema possui para o corpo social contemporâneo.

Ao observar a sociedade como um todo, constata-se uma grave marca: assustadores índices de debilidades de todo tipo de estrutura. Dessa maneira, buscando refletir um caminho para esta realidade, a pesquisa empenha-se em tornar nítido o potencial humano e a importância de viver; tal empenho realiza-se no debate da relação homem-vida. Vale ressaltar, ainda, que o trabalho contribui tanto para a área da sociologia quanto para a área da psicologia, visto que sua abordagem encara a relação do homem com sua vida, relacionamento que corresponde exatamente às áreas supracitadas e que, através de análises diferentes, visam ao mesmo horizonte: compreender a condição humana.

Por fim, é lícito dizer que, metodologicamente, este trabalho efetivou-se por meio de uma pesquisa de cunho exploratório-bibliográfico, desejando, mediante um aprofundamento filosófico e literário, apresentar um olhar sobre o homem e a vida. Além disso, foram usados artigos e periódicos que tratam do tema discutido, procurando enriquecer o conteúdo com mais afinco.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 A DINÂMICA DA VIDA SOB A ÓTICA CAMUSIANA

Albert Camus, ao lado de Jean-Paul Sartre, foi um dos principais representantes do existencialismo francês. Filho de franceses nascidos na Argélia³, Camus nasceu e cresceu no mesmo país, onde estudou filosofia. Autor de peças de teatro, novelas, poemas, ensaios e romances, Camus dá primazia, na reflexão filosófica, ao tema da vida e do viver. Com efeito, a vida é a situação fundamental que exige uma profunda aplicação, dado que a compreensão do seu valor é essencial para garantir um autêntico viver, e não um sobreviver.

A discussão do valor da vida, na filosofia camusiana, é tratada com a mais alta atenção, visto que as consequências de uma fraca consideração da vida causam sérios comprometimentos ao homem. “Se eu me pergunto por que julgo que tal questão é mais premente que tal outra, respondo que é pelas ações a que ela se compromete” (CAMUS, 2020, p. 19). Percebendo a importância da vida e do viver,

³ Na época, colônia francesa.

convém evidenciar os principais pontos para que se realize uma reflexão sobre o homem e a vida, segundo a ótica camusiana.

2.1.1 Absurdo

Debruçado sobre as nuances da existência que o circunda, Albert Camus apresenta o conceito de absurdo para falar de tudo aquilo que se apresenta diante de nós de maneira irracional e incompreensível.

De acordo com Camus (2020, p. 27):

Mas só é absurdo em virtude da desproporção entre sua intenção e a realidade que o espera, da contradição que posso perceber entre suas forças reais e o objetivo a que ele se propõe. [...] Em todos os casos, do mais simples ao mais complexo, o absurdo será tanto maior quanto for a distância entre os termos da minha comparação.

De fato, a vida e seus eventos se manifestam de maneira contraditória, dado que nosso movimento é um e o movimento da realidade é outro, causando no homem uma intensa sensação de descompasso, de absurdo. A realidade constantemente apresenta sua absurdidade a partir da promoção de eventos que destoam de nossas intenções e expectativas, revelando com nitidez a nossa contingência no mundo.

2.1.2 Homem

Em Camus, observam-se três tipos de homem. O covarde, que foge do absurdo; o vencido, que diviniza, mascara ou escamoteia o absurdo; e o rebelde, que se revolta com o absurdo.

O primeiro é o suicida que, não aguentando a vida, prefere abandoná-la. O segundo, o homem vencido, é aquele que opta por maquiagem o absurdo, integrando-o à sua vida e eliminando o seu caráter fundamental que é a contrariedade. O terceiro, o homem rebelde, é aquele que não se subjugua ao irracional nem permite que sua lucidez seja violada. É aquele que vive num clima constante de revolta, pois vive de maneira totalmente consciente, exigindo sempre clareza, algo que nunca lhe é provido. Portanto este homem vive ausente de esperança (que não significa que ele viva em desespero), recusando insistentemente o absurdo e não se deixando satisfazer por fantasias (CAMUS, 2020).

2.1.3 Posturas humanas

Em vista da maior compreensão dos três tipos de identidades humanas apresentadas por Camus, são elucidados nos parágrafos a seguir — através da inspiração literária — três personagens de obras distintas que ilustram esta reflexão antropológica. Tais personagens representam, respectivamente, as três personalidades antropológicas indicadas por Camus, a saber: o covarde, o vencido e o rebelde.

2.1.3.1 Kirilov

Camus (2020, p. 107):

O engenheiro Kirilov declara em algum lugar que quer sair da vida por “esta é sua ideia”. Parece claro que se deve tomar a frase no sentido próprio. É com uma ideia, um pensamento, que ele se prepara para a morte. É o suicídio superior. Progressivamente, ao longo das cenas em que a personalidade de Kirilov pouco a pouco se ilumina, o pensamento mortal que o anima nos é revelado.

Dostoiévski, literato russo, em sua obra *Os demônios* nos apresenta um romance de profundo caráter político, social, filosófico e religioso. Esta obra é um retrato da sociedade russa pré-revolucionária, abordando variados temas como suicídio, raiva, violência, humilhação, o impacto das ideologias, entre outros.

Tal obra apresenta-nos um personagem que nos ajuda na compreensão desta reflexão. Seu nome é Kirilov. Compreendendo que, para dar sentido à sua existência, precisa conceber a existência de Deus, e percebendo-se incapaz de concebê-la, Kirilov chega a um raciocínio absurdo: suicídio.

Dostoiévski (2018, p. 599): “Mas proclamo o meu arbítrio e sou obrigado a crer que não creio. (...) Durante três anos procurei o atributo da minha divindade e o encontrei: o atributo da minha divindade é o Arbítrio!”

O personagem convence-se de que a existência humana é um profundo absurdo para quem não tem fé na imortalidade e, de maneira desesperada, chega à ideia da autodestruição.

Isso é tudo com que posso revelar, em sua parte central, minha insubordinação e minha liberdade nova e terrível. Porque ela é muito terrível. Mato-me para dar provas de minha insubordinação e de minha liberdade terrível e nova. Tinha uma palidez antinatural no rosto, o olhar insuportavelmente pesado. Parecia febricitante. Piotr Stiepánovitch pensou que ele estivesse prestes a cair. (DOSTOIÉVSKI, 2018, p. 600).

2.1.3.2 Abraão

No livro do Gênesis, capítulo 22, do versículo 1 ao 19, é-nos apresentado um trecho sobre a história do sacrifício de Isaac. Seu pai, Abraão, é um homem posto por Deus à prova. Tal exame consiste em oferecer seu filho em holocausto. Abraão, então, toma consigo seu jumento, seus criados, seu filho, racha lenha para o holocausto e se põe a caminho do lugar onde Deus o havia indicado. Em seguida, de acordo com a Bíblia Sagrada (2019):

[...] os dois caminhavam juntos, 7Isaac falou para seu pai Abraão: “Pai!” Ele respondeu: “Eis-me aqui, meu filho”. O menino disse: “Temos o fogo e a lenha, mas onde está o cordeiro para o holocausto?” 8Abraão respondeu: “Deus proverá um cordeiro para seu holocausto, meu filho”. E os dois continuaram caminhando juntos. 9Quando chegaram ao lugar indicado por Deus, Abraão edificou ali o altar, dispôs a lenha em cima, amarrou seu filho Isaac e o pôs sobre a lenha do altar. 10Depois estendeu a mão e pegou a faca para imolar seu filho. 11Mas o anjo do Senhor gritou-lhe do céu: “Abraão! Abraão! Ele respondeu: “Eis-me aqui!” 12E o anjo disse “Não estendas a mão contra o menino e não lhe faças mal algum. Agora sei que temes a Deus, pois não me recusaste teu filho, teu unigênito”.

Barros (2007), comentando sobre o evento, diz:

Sobre o ponto de vista ético, a atitude do sacerdote é imoral. Sobre o ponto de vista religioso, Abraão deve fazer aquilo que Deus lhe ordena. Neste contexto, encontramos ainda o paradoxo da ética. Abraão deve agir de acordo com as leis morais ou de acordo com a vontade de Deus? Como agir? Desta forma, podemos encontrar um conflito ético no momento em que Deus pede para que se cometa um ato julgado imoral.

Vê-se na história de Abraão uma postura passiva frente à realidade, dado que opta por aceitar a vontade divina ao invés de se agitar em questionamento. Sendo assim, Abraão se deixa vencer por Deus e, justamente pela narrativa ser bíblica, logo, tendo um caráter religioso e, exatamente por ele ter lidado com as contrariedades da vida advindas de Deus e não do mundo, podemos identificar o homem vencido. Nesse caso, verifica-se um homem vencido por Deus, uma vez que a sua forte característica do é negar-se, fato que pode acontecer de diferentes maneiras. Abraão simplesmente abraçou os embaraços postos a ele e, passivamente, isto é, acatando a situação, alheio a qualquer postura de insubordinação ou refutação, seguiu em frente.

2.1.3.3 Sísifo

Camus apresenta Sísifo, personagem da literatura homérica, um mortal muito perspicaz que, através de suas atitudes que ofendiam os deuses, é castigado. Sua condenação era empurrar uma pedra até o alto de uma montanha, de onde ela tornava a cair todos os dias e, dessa forma, ele precisava realizar sempre a mesma atividade, desempenhando um trabalho inútil e sem esperança. (Camus, 2020).

O que destaca Sísifo em relação a Kirilov e Abraão é sua postura de insurreição frente às circunstâncias da vida. Sísifo, em toda sua história, põe-se a afrontar as determinações, levantando-se contra qualquer coerção até se findar em seu castigo derradeiro. Segundo Camus (2020, p. 124): “Toda a alegria silenciosa de Sísifo consiste nisso. Seu destino lhe pertence. A rocha é sua casa. Da mesma forma, o homem absurdo manda todos os ídolos se calarem quando contempla seu tormento”.

Para Camus, o que é mesmo curioso neste mito, mais do que todo o desenrolar da história, é o momento do castigo, mais especificamente a pausa que Sísifo tem entre o despencar da rocha do alto da montanha até a planície. Este momento caracteriza-se pela compreensão da sua situação absurda.

Ao final desse prolongado esforço, medido pelo espaço sem céu e pelo tempo sem profundidade, a meta é atingida. Sísifo contempla então a pedra despencando em alguns instantes até esse mundo inferior de onde ele terá que tornar a subi-la até os picos. E volta à planície. É durante este regresso, essa pausa, que Sísifo me interessa. (CAMUS, 2020, p. 122).

E, reiterando o ponto de realce de Sísifo, sua rebeldia alcança o auge na não violação racional de si, de sua consciência, ainda que, de qualquer forma, fosse impossível se livrar fisicamente da sentença.

2.2 DESCONFORMIDADES EXISTENCIAIS

Identificam-se como desconformidades existenciais as desarmonias, os desacordos, os desencontros, ou seja, tudo aquilo que vai na contramão da expectativa do homem, que em primeiro lugar é viver. Portanto, tudo o que toca o homem de maneira parcialmente danosa, como os problemas subjetivos e psicossociais, é caracterizado como desconformidade, assim como tudo o que quebra a linha da vida de maneira radicalmente danosa, como as doenças e a morte.

A seguir será ilustrada a relação desconforme entre o homem e a vida através do mito de Édipo. Em continuidade serão abordadas em três aspectos as realidades que

afligem o homem, a saber: problemas biológicos, psíquico-emocionais e psicossociais.

Vale ressaltar que este trabalho versa sobre o homem suspenso das condições econômico-sociais, possibilitando, assim, ser abordado de maneira mais particularizada, embora essa tarefa seja quase utópica. Apesar desse enfoque, não será ignorada a influência social, pois é fundamental compreender o cenário que envolve o sujeito, uma vez que o ser humano é produto do meio em que vive (MARX, 1932).

2.2.1 Édipo

Personagem da literatura de Sófocles, Édipo é um homem que obedece ao seu destino absurdo sem saber que o seguia. Sobre sua história, observamos no livro *A trilogia tebana* (1990, p.83-84):

[...] Quem teve a vida tão transtornada? Édipo ilustre, muito querido! Tu és o filho que atravessou a mesma porta por onde antes teu pai entrara; nela te abrigas num matrimônio jamais pensado! Como puderam, rei, meu senhor, as sementeiras do rei teu pai dar-te acolhida, silenciosas, por tanto tempo? Como, infeliz? O tempo eterno, que tudo vê, mostrou um dia, malgrado teu, as tuas núpcias abomináveis que já duravam de longa data e te fizeram pai com a mulher de quem és filho, com tua mãe! [...].

Édipo é um preciso retrato das eventualidades da vida. Sua história revela de maneira clara as adversidades da vida em atrito com a racionalidade humana, exigente por sentido. A vida do personagem nos indica a relação hostil das vicissitudes da existência, da natureza e do mundo com o protagonista.

Segundo Camus (2020, p. 123): “A partir do momento em que sabe, sua tragédia começa”. Édipo tem em comum com Kirilov, Abraão e Sísifo a consciência de sua situação. A substancial diferença que separa Sísifo e Édipo dos outros personagens é a forma como eles lidam com suas circunstâncias. Kirilov foge. Tal fuga acontece pelo seu suicídio, o que causa o aniquilamento do absurdo. Abraão deixa-se vencer. Tal derrota acontece pela aceitação plena da vontade de Deus, o que causa uma maquiagem no absurdo. Sísifo e Édipo rebelam-se. Sísifo rebela-se durante toda a vida e em seu castigo tem oportunidade de refletir sobre sua história. Édipo tem sua rebeldia evidenciada durante toda sua trajetória e, mesmo ao perceber o absurdo que é sua vida, ele, ao invés de desistir da vida ou de maquiá-la para amenizar sua consciência, assume sua história e, mudando algumas posturas, segue em frente.

Édipo, depois de sua conturbada trajetória, transforma seu percurso em sabedoria para viver, compreendendo a inevitabilidade das circunstâncias da vida e aprendendo a encará-las com sabedoria, sem fugir fisicamente ou existencialmente da condição que o circunda.

Tendo ilustrado as desconformidades existenciais a partir da narrativa mitológica de Édipo, convém apresentar concretamente algumas manifestações de contrariedades faceadas pelo homem. O ser humano é defrontado com numerosas circunstâncias adversas que provocam seu pensar e agir em vista de uma atitude. O homem é posto a assumir ou negar, encarar ou desviar o olhar, confrontar ou fugir. Tais circunstâncias têm caráter físico, psíquico e social.

2.2.2 Problemas biológicos

O homem enfrenta — fisicamente — algumas dificuldades que prejudicam o seu viver, seja de caráter congênito (em alguns casos hereditários), advindos da fase intrauterina ou do nascimento, seja de caráter adquirido onde o sujeito contrai complicações via traumatismos, infecções ou outras circunstâncias. Vale ressaltar a deficiência física como um fator claro de inviabilização do pleno existir do homem. Convém conceituar, segundo Ampudia (2018):

São complicações que levam à limitação da mobilidade e da coordenação geral, podendo também afetar a fala, em diferentes graus. As causas são variadas - desde lesões neurológicas e neuromusculares até má-formação congênita - ou condições adquiridas, como hidrocefalia (acúmulo de líquido na caixa craniana) ou paralisia cerebral.

Vale aqui exemplificar uma forma de debilidade física congênita para a maior compreensão do conteúdo: síndrome de Down. Tal condição afeta diretamente a condição cognitiva do indivíduo e apresenta alguns comprometimentos na saúde como cardiopatia congênita, imunidade deficiente, flacidez na musculatura etc. Um exemplo comum de debilidade física adquirida: tetraplegia. Tal condição, embora em alguns casos não afete a condição cognitiva do indivíduo, compromete violentamente o sujeito na sua locomoção. O tetraplégico se vê limitado de maneira físico-motora, valendo-se exclusivamente de outras pessoas.

2.2.3 Problemas psíquico-emocionais

Tendo discutido os problemas biológicos que acometem o homem, apresentam-se os problemas subjetivos que tocam o homem psiquicamente, ainda que não exclusivamente. Esta abordagem considera de maneira estrita as condições patológicas mentais graves, visando à objetividade da discussão. Nesse sentido, são trabalhadas as doenças psiquiátricas que, segundo o Hospital Santa Mônica (2019):

[...] são caracterizadas como o comprometimento das funções cognitivas. Elas são desencadeadas por múltiplos fatores e podem surgir em qualquer indivíduo e em qualquer fase da vida. A maioria desses desequilíbrios que afetam a estabilidade da mente estão amplamente associados a doenças emocionais crônicas como crises depressivas, ansiedade patológica e distúrbios de personalidade.

Vale destacar que essas condições são conceituadas como situações de anormalidade na estrutura psíquica, além de causar comorbidades em diversos órgãos, devido à frágil condição imunológica. Convém deixar claro que tais debilidades atingem implacavelmente a vida pessoal, acadêmico-profissional e social do indivíduo, freando seu existir de maneira integral. (Hospital Santa Mônica, 2019).

Cabe apresentar como um exemplo de debilidade psíquico-emocional os transtornos de ansiedade. Também conhecidos como transtornos de ansiedade generalizada (TAG), são caracterizados pelo medo infundado e pela preocupação excessiva. Tal condição gera sensação de desconforto e tensões emocionais. Os transtornos se manifestam de várias formas, sendo as mais comuns a ansiedade patológica, os distúrbios somatoformes, as fobias e a síndrome do pânico.

2.2.4 Problemas psicossociais

O homem enfrenta física, psíquica e, sobretudo, socialmente algumas dificuldades que prejudicam o seu viver. Neste momento são abordados alguns infortúnios de caráter social, com os quais o homem precisa lidar. Estes são vivenciados nas mais variadas formas de relações: familiares, acadêmicas, profissionais, entre outras. Tais infortúnios trabalhados nesta discussão são os preconceitos, as discriminações e intolerâncias; severos desafios impostos ao sujeito, vítima destas circunstâncias. Faz-se necessário abordar as seguintes formas de preconceito para esta discussão: preconceito religioso, preconceito sexual e de gênero, e preconceito racial.

O preconceito religioso tem origem, em grande parte dos casos, na ignorância sobre o sistema de crenças de determinadas religiões ou em perspectivas estigmatizadas, apoiadas em estereótipos populares negativos. Tal preconceito se caracteriza pela atitude de desrespeito e intolerância em relação tanto aos adeptos de determinada religião, quanto aos locais de culto, símbolos religiosos etc.

O preconceito sexual e de gênero desenvolve-se tanto na educação familiar, quanto na estrutura da sociedade que inclina o indivíduo à visão machista e ortodoxa da sexualidade em detrimento do sexo feminino e/ou da diversidade de gêneros. Tais situações se manifestam de várias maneiras: machismo, misoginia, sexismo, homofobia e transfobia.

O preconceito racial se origina, nacionalmente, no escravismo. Por volta de 388 anos o Brasil teve sua economia sustentada pelo trabalho escravo desempenhado por homens e mulheres de pele negra, vindos de vários países do continente africano. A principal questão dessa forma de discriminação são os constantes ataques aos quais o indivíduo é submetido. De caráter físico, moral, acadêmico, profissional, social... percebem-se ofensas à pessoa. Observando tal problemática e, tocando o Estado na discussão, Nunes (2006, p. 91) afirma:

Mudaram as aparências, mas a essência das relações sociais não mudou. A atitude do Estado para a situação do negro “liberto” sempre foi omissa: a miséria material, a discriminação e a humilhação vividas pelos afrodescendentes são reduzidas à culpa deles mesmos, por meio de uma manobra ideológica que transforma o que é da esfera das relações de poder em algo natural[...].

Diante disso, cabe inferir que o sujeito negro enfrenta numerosos desafios diante do corpo coletivo, este, que carrega em si acentuadas características elitistas e etnocêntricas que prejudicam diretamente a vida de muitos cidadãos.

Face às condições supracitadas e considerando esta discussão que visa evidenciar as situações adversas de estrutura social nas quais o homem se vê afrontado, entende-se que o sujeito se vê psicossocialmente — como foi abordado neste subtópico — bem como psíquico-emocionalmente e biologicamente em insistente batalha. É apropriado sublinhar que, apesar de inúmeros infortúnios e freios, normalmente o homem consegue sobreviver; mas viver, usufruindo dos seus direitos comuns, se revela um grande desafio.

A sobrevivência, por si só já se qualifica por uma situação precária de existência e, em muitos casos, com a soma das situações, essa condição se torna insustentável. Tal aflição causa em muitas pessoas decorrências fatais.

2.2.5 Decorências fatais

Neste capítulo é realizada a discussão sobre as contrariedades da vida. A princípio de maneira mítica e, em seguida, de maneira concreta, real e contemporânea. Cabe, por fim, neste subcapítulo, acentuar as possíveis e infelizes consequências dessas situações.

Convém evidenciar que as desconformidades da vida, por si, já são uma consequência da própria vida e da situação humana; ora, viver é conviver, é coexistir, e isso implica lidar com insistentes embates internos e externos. “[...] O homem contemporâneo estabelece o problema da angústia, da solidão, do desamparo e do desespero como próprios da condição humana” (BISPO e ROSA, 2013, p.21).

Uma das lastimáveis consequências é a depressão, fenômeno relevante na contemporaneidade e um dos grandes males do século XXI. Montserrat Martins (2013), colunista do site *EcoDebate*, elabora uma notável discussão sobre o assunto:

Como todos os transtornos, são mais frequentes na população de baixa renda, mas no caso da depressão não é só o estresse das dificuldades financeiras, são também as humilhações que as pessoas sofrem na vida cotidiana, no trabalho e no próprio convívio social.

Os resultados das desconformidades que a vida nos impõe são psíquicos e somáticos e causam sérios problemas ao homem, resultando em complicações como a depressão, como fora comentado, e o suicídio, este, que segundo Camus (2020, p. 19) é o “problema filosófico realmente sério”. Ambos são frutos de um longo período de dor e sofrimento e o último é, desgraçadamente, o desfecho de muitas vidas. Cabe acentuar que, além da depressão e suicídio, situações acima destacadas, as doenças e as mortes, sejam elas prematuras ou não, são situações que naturalmente quebram nossa expectativa de conformidade, uma vez que esses eventos destroem planos e questionam a consciência humana.

Por fim, é lícito abordar que para Albert Camus, não obstante todas estas situações — biológicas, psíquicas e psicossociais — o homem é capaz de se rebelar, impondo-se corajosamente em face dessas contrariedades.

Por isso, uma das poucas posturas filosóficas coerentes é a revolta, o confronto perpétuo do homem com sua própria escuridão. Ela é a exigência de uma transparência impossível e questiona o mundo a cada segundo. (...) Ela é a presença constante do homem diante de si mesmo.” (CAMUS, 2020, p. 60).

2.3 HORIZONTE SOB O IMPULSO DE CAMUS

Tendo observado o delinear deste projeto, é construído neste capítulo um caminho em vista da consolidação de um horizonte sadio aspirando ao bem de maneira individual e coletiva.

Para tal fim, é feito um acento na filosofia onto-antropológica socrática e na filosofia existencialista sartreana em vista do desenvolvimento da reflexão antropológica deste trabalho e do enriquecimento da reflexão existencialista camusiana. Em seguida, é apresentado um caminho por onde o homem particular pode apoiar-se para viver com as imprevisibilidades da vida, provocadas por si, pelos outros ou pela própria estrutura da natureza. Depois, realiza-se uma aplicação da discussão no campo comunitário evidenciando a importância de zelar pela condição intersubjetiva do homem.

Segundo Bispo e Rosa (2013, p. 24): “O coerente é a manutenção da vida, mesmo que o confronto com o absurdo seja diário”. Vale destacar que, com otimismo, este trabalho volta-se para o homem com o intuito de realçá-lo e não o diminuir em face das contrariedades da vida.

2.3.1 O Eu

Convém iniciar esta abordagem recuperando a contribuição socrática para a reflexão sobre o homem e, de maneira mais precisa, sobre aquilo que o particulariza e que o torna único: sua consciência.

Para Sócrates o homem é a sua alma, no entanto, a palavra alma e sua significação estão longe de qualquer sentido religioso, ao qual tradicionalmente são relacionadas, mas denotam diretamente a atividade pensante, o movimento ético, a razão humana.

A alma é, portanto, a consciência, é o eu intelectual e moral. (ANTISERI; REALE, 1990). Sócrates aponta, através de uma caracterização essencialista, que o homem é sua consciência. Sartre, filósofo francês do século XX, não fugindo do horizonte socrático, mas renunciando à condição essencialista, apresenta o homem como um projeto. “[...] queremos dizer que o homem existe antes de tudo, aquilo que projeta vir a ser, e aquilo que tem consciência de projetar vir a ser. O homem é, inicialmente, um projeto que se vive enquanto sujeito [...]”. (SARTRE, 2014, p. 26).

Essa consciência, a qual Sócrates desvelou e serviu de base para a longa tradição filosófica na reflexão sobre o homem, Sartre aponta como o que de mais rico tem o homem, dando a ele condições de se individualizar e, simultaneamente, identificar-se ao diferenciar-se dos outros seres. Vale ressaltar que Sartre — influenciado por Husserl — apresenta a consciência como aquilo que se orienta para fora, na linguagem sartreana é o ser para-si (homem) que se orienta ao ser em-si (objetos), buscando completar-se uma vez que, dada sua ausência de determinações, é caracterizado como nada, um ser em falta, e que, por esse motivo, orienta-se incessantemente para fora.

Tal movimento, promovido pela consciência, se por um lado é para o homem um universo de alternativas no horizonte da própria humanidade, por outro é como um abismo que, encarado sem a devida lucidez, adentra-se num sentimento profundo de angústia, característico daqueles que ficam em frente ao absurdo que se levanta cruamente. O fruto desse confronto, seja ele sadio ou não, é a convicção da autoria que temos sobre a nossa vida e sobre as vidas coexistentes. Segundo Hoste (2016, p. 460), “A angústia é a abertura na qual o homem se encontra só diante de suas possibilidades, e com isso ele se vê como único Ser, que pode dar sentido ao que faz parte de sua existência”.

Em Camus, o homem, na qualidade do absurdo, se caracteriza pela preferência da sua coragem e de seu raciocínio em detrimento da concepção do eterno. Segundo Camus (2020, p. 73): “A primeira lue ensina a viver sem apelo e a satisfazer-se com o que tem, o segundo lue ensina seus limites”.

Camus (2020, p.73) diz ainda:

[...] Seguro de sua liberdade com prazo determinado, de sua revolta sem futuro e de sua consciência perecível, prossegue sua aventura no tempo de sua vida. Este é seu campo, lá está sua ação, que ele subtrai a todo juízo

exceto o próprio. Uma vida maior não pode significar outra vida. Seria desonesto.

Convém destacar que Camus, diferentemente de Sócrates e Sartre, não faz um aceno na estrutura humana, mas sim na condição humana, que segundo ele é absurda.

Dado isso, percebe-se em Camus que a condição humana é caracterizada pela contradição e o homem honesto é aquele que a abraça sem se violar racionalmente. Conciliando a contribuição socrática e sartreana sobre a estrutura humana e a condição do homem em Camus, calha inferir que o homem, em síntese, destaca sua condição subjetiva, uma vez que, seguindo o raciocínio de Sócrates e Sartre, pode-se verificar uma concordância quanto à particularidade do homem. Tal característica contribui para a condensação da discussão camusiana ao nos fazer inferir a possibilidade pessoal tanto de escolher, quanto de agir, frente às circunstâncias.

2.3.2 O Eu, o Outro e a Vida

Ao sublinhar o caráter pessoal do homem, faz-se necessário ampliar a reflexão evitando, assim, o perigo do individualismo. Diferente dos objetos que estão no mundo, sem a necessidade de relação, pois em-si se concretizam, o homem exige relação para sua realização, uma vez que, ao confundir o aprofundar-se pelo fechar-se, limita-se e asfixia-se com o peso do próprio ego. Dessa forma, o homem existe direcionado para fora de si, exigindo relação e afirmando a necessidade da coexistência. “Na verdade, a consciência caracteriza-se justamente por ser sempre em relação a alguma coisa, constituindo-se como distância de si mesma, ou seja, a consciência é caracterizada como para-si”. (ARDANS-BONIFACINO, JUNIOR; ROSO, 2013, p.121).

Inteirando-se de si, o homem pode compreender a imprescindibilidade das relações. Tal relacionamento inicia-se no trato consigo, depois com o mundo e, por fim, com os outros seres para-si que se apresentam.

Observando a dinâmica relacional na qual o homem se percebe inserido, é válido ressaltar como se delineia na vida esse processo, tornando claro aquilo que precisa ser levado em consideração para uma coexistência sadia.

Conforme Paiva (2003, p. 155), sobre o sujeito humano existencialmente inserido:

Configurado como absurdo, como brutal e ininteligível, o mundo é o território em que se delineiam a vida, a sociabilidade, o homem, cuja existência é também pulverizada de significação. Urge então indagar acerca dos modos de atuar neste cenário. Dito de outra forma, se este é o contexto em que o homem se insere, e submete-se à imperativa necessidade de viver, a vida humana, as possíveis formas de conduta ascendem a um posto privilegiado no âmbito da reflexão.

Resgatando as contribuições explicitadas anteriormente, providas por Camus, e parcialmente por Sócrates e Sartre, cabe trazê-las à tona de maneira mais direcional.

Embora o tema da liberdade na filosofia camusiana seja abordado no capítulo seguinte, calha trazer a reflexão imbuída da contribuição sartreana para o desenvolvimento da discussão sobre a intersubjetividade.

Visto que a liberdade é aquilo que caracteriza o homem e o abre às possibilidades (assim como para Camus, dado que ambos comungam do horizonte existencialista que realça o tema da liberdade como fator chave na filosofia), inclusive a possibilidade da impossibilidade — morte — é preciso que seja abraçada tal condição, por mais dura que seja, para que sejam postas sempre na planície das nossas escolhas as consequências que elas provocam. Em Sartre, liberdade é mais do que uma possibilidade, é a natureza do homem; ser humano e ser livre na perspectiva sartreana são sinônimos. E visto que ser livre implica graves consequências não só para si, mas para os outros, urge mais acentuar o valor da responsabilidade, enfatizando-a como o principal apoio para o ser humano coexistir.

Adotar a responsabilidade na vida é agir com lucidez. Na linguagem camusiana é ter clareza das situações, tendo em mente sempre os efeitos da liberdade. Logo, é lícito afirmar que, por mais absurdas que a vida e as relações se apresentem, é preciso que o homem aja com responsabilidade, tendo em vista as consequências de suas ações na própria vida, mas, sobretudo, na vida do mundo e dos outros. Agir, portanto, com responsabilidade, é sinal de solidariedade e de clareza racional. Assim como o homem absurdo revolta-se com as determinações, o ser humano tem de se revoltar com a tendência contemporânea de indiferença e acomodação às situações e buscar, numa postura de insubordinação, agir lucidamente, preocupando-se em encontrar alternativas para os desafios postos diante de si e dos outros.

Dessa forma promover-se-á uma realidade cooperativa, que não implica um esfacelamento das particularidades, mas favorece a plena existência de todos, eliminando dessa forma uma tendência à autossuficiência que prejudica o corpo social

e afoga o homem em-si mesmo. “[...] O ser humano vê somente vantagens em competir e nenhuma vantagem em cooperar, em envolver-se, deixando de desenvolver, desse modo, um engajamento coletivo, o que lhe dá a falsa impressão de que cada um se basta”. (FAVERO, 2018, p. 19).

Traçado este raciocínio, compreende-se, portanto, o protagonismo de cada homem particular sobre sua própria vida e a interferência que a sua própria vida tem na vida do todo.

2.3.3 Caminho

Tendo percorrido um caminho que revelou o homem e suas condições, cabe, por fim, exhibir, através de Camus, um horizonte claro. Tal perspectiva se define por duas características: a honestidade humana e a situação de possibilidades.

A primeira é um movimento de exaltação do homem. A segunda é um movimento de pôr-se diante de escolhas, embora não calhe atribuir-lhes sentido, mas vivê-las de espírito aberto, capaz de lidar com as mutações provocadas pela gratuidade da existência.

2.3.3.1 Consciência, revolta e liberdade

Honestidade para Camus é a fidelidade à própria razão, à própria consciência. É não esquivar ou atribuir a outros a responsabilidade das próprias circunstâncias a que se está submetido. O ser humano honesto vive de maneira ativa no mundo, pondo-se diante das situações, questionando-as, transformando-as ou fazendo-se resistência a elas. Para Camus (2020, p. 45), a desonestidade é revelada quando:

[...] A luta é evitada. O homem integra o absurdo e nessa comunhão faz desaparecer seu caráter essencial que é oposição, dilaceramento e divórcio. Este salto é uma escapatória.

A honestidade leva o homem à vida e para melhor compreender tal reflexão é lícito citar a diferenciação, feita por Camus, do suicida e do condenado à morte. Camus (2020, p.60) expõe:

Pode-se pensar que o suicídio se segue à revolta. Mas é um engano. Porque ele não representa seu desenlace lógico. É exatamente o seu contrário, pela admissão que supõe. O suicídio, como o salto, é a aceitação em seu limite máximo. Tudo se consumou, o homem retorna à sua história essencial. Divisa

seu futuro, seu único e terrível futuro, e se precipita nele. À sua maneira, o suicídio resolve o absurdo.

Camus (2020, p. 60) continua:

O contrário do suicida é o condenado à morte. Essa revolta dá seu valor à vida. Estendida ao longo de toda uma existência, restaura sua grandeza. Para um homem sem antolhos não há espetáculo mais belo que o da inteligência às voltas com uma realidade que o supera.

É preciso que, além de o homem ter consciência da vida, tenha também a de sua revolta para que possa de fato viver. Camus diz que a consciência e a revolta são o contrário da renúncia, da subjugação, da inércia. Na verdade, elas são tudo aquilo de irreduzível e apaixonante num coração humano, elas são aquilo que lhe suscita ânimo.

Admite-se tocar, ainda, no tema da liberdade para chegarmos à compreensão, por meio da filosofia camusiana, de como o homem pode agir.

A única que conheço é a liberdade de espírito e de ação. Ora, se o absurdo aniquila todas as minhas possibilidades de liberdade eterna, também me devolve e exalta, pelo contrário, minha liberdade de ação. Tal privação de esperança e de futuro significa um crescimento na disponibilidade do homem. (CAMUS, 2020, p. 62).

Observando a própria opacidade e a das coisas ao seu redor, em contraste com seu apetite de clareza, o ser humano pode-se perceber livre. Tal liberdade é justificada pela ausência de sentido, estrutura ou determinação ontológica. No entanto, Camus não deixa de observar que, embora o homem desfrute de uma liberdade ontológica-existencial, ainda sim ele encontra limites a ela. Tais limites, para Camus, são as circunstâncias apresentadas pelo mundo ao seu redor. Esses limites, ainda que ponham em xeque a indeterminação humana, ajudam o homem a compreender-se como um ser intersubjetivo que, apesar das vastas possibilidades, precisa pôr limites às suas ações.

Com as devidas ressalvas, observa-se em Sartre (1997, p. 678) certa semelhança:

A consequência essencial de nossas observações anteriores é a de que o homem, estando condenado a ser livre, carrega nos ombros o peso do mundo inteiro: é responsável pelo mundo e por si mesmo enquanto maneira de ser. Tomamos a palavra 'responsabilidade' em seu sentido corriqueiro de 'consciência (de) ser o autor incontestável de um acontecimento ou de um objeto'.

De maneira evidente, entende-se a responsabilidade como uma condição plenamente inerente à consciência. À medida que o homem faz o processo de tomada de consciência de si e do mundo é que se torna capaz de apreender a noção de liberdade e, simultaneamente, envolve-se na percepção da responsabilidade.

2.3.3.2 Alegria

“Assim como, em certos dias, a descida é feita na dor, também pode ser feita na alegria.” (CAMUS, 2020, p.123).

Para Camus (2020, p.124) “Toda a alegria silenciosa de Sísifo consiste nisso. Seu destino lhe pertence.” A grande discussão que Camus insiste com frequência é a não violação da razão. Não obstante a existência em suas contradições assemelhe-se a um divórcio, entre o homem e sua vida, entre o ator e seu cenário, isto é, um conjunto de situações desprovidas de sentido e que, por esse fato, desvalidam a racionalidade como instrumento de contato com o mundo e causam certa angústia, é lícito ao ser humano, numa atitude revoltosa, buscar conservar-se desperto, mantendo-se assim íntegro. Tal procedimento, ainda que áspero, dá motivo ao homem de sentir-se feliz, pois como Camus (2020, p. 124) exprime: “A própria luta para chegar ao cume basta para encher o coração de um homem. É preciso imaginar Sísifo feliz.”

Importa dizer, por fim, que tal luta prevê a ausência de esperança (que não significa desespero), a negação contínua (que não pode ser confundida com a renúncia) e a insatisfação consciente (que não sugere tristeza). Para Camus, tudo o que destrói, escamoteia ou desfalca essas exigências, desfaz o absurdo e desvaloriza a atitude proposta. O absurdo só existe enquanto não é aceito. (CAMUS, 2020).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste trabalho, cabe considerar que o homem é, diante da vida e de suas diversas tonalidades, capaz de se impor ao invés de subjugar-se a ela. O ser humano é capaz de, conscientizando-se, consolidar-se no mundo afirmando sua existência e assumindo o desenrolar da sua liberdade. Observando o desenvolvimento do trabalho, percebe-se que seus objetivos são alcançados, dado que o texto está permeado pela valorização de uma mentalidade lúcida e responsável da vida, bem como do enaltecimento do homem como sujeito da sua história e principal responsável pela superação dos seus limites. As conjecturas deste trabalho são confirmadas tendo em vista que, como apresenta este estudo, as respostas para a solução da problemática passam pela valorização do ser humano, da autoconscientização e da

sua postura a partir dela. Cabe reiterar a importância desta discussão para o meio acadêmico e para a sociedade geral. Perante um clima de inconstâncias sociais, políticas, econômicas, religiosas e culturais urge recordar que o ser humano é o fator decisivo. O indivíduo ciente de si e de sua situação está hábil para enfrentar as situações adversas encontradas ao seu redor, uma vez que carrega na consciência de sua existência a capacidade de revoltar-se diante dos absurdos oferecidos pela vida. Vale pôr em evidência, por último, tendo refletido sobre a vida através da filosofia camusiana no objetivo de promover o sujeito humano, que esta pesquisa se revela apta para entrar no debate do existir e que, pela sua abertura, é admissível abraçar contribuições futuras, sejam elas de caráter filosófico, sociológico, psicológico ou clínico, para seu enriquecimento, consistência e abrangência.

REFERÊNCIAS

- AMPUDIA, Ricardo. **O que é deficiência física?** Nova escola, 2018. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/269/o-que-e-deficiencia-fisica>>. Acesso em: 17 outubro 2021.
- ANTISERI, Dario; REALE, Giovanni. **História da filosofia:** Antiguidade e Idade Média. São Paulo: Paulus, 1990.
- BARROS, Wagner. A angústia de Abraão. **Revista de iniciação científica da FFC**, Marília, v. 7, n. 1, p. 1-12, 2007. Disponível em: <[adm,+R.I.C.-2005-67.pdf](#)>. Acesso em: 18 outubro 2021.
- BÍBLIA SAGRADA. **O sacrifício de Isaac**. Tradução oficial da CNBB. 3. Ed. Brasília-DF: Edições CNBB, 2019.
- BISPO, Milene Fontes de Menezes; ROSA, Roberto Sávio. O Mito de Sísifo: A decisão de viver ou suprimir a vida. **Filosofando**, Vitória da Conquista, v. 1, n. 2, p. 18-26, julho – dezembro, 2013.
- CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. Tradução de Ari Roitman e Paulina Watch. 15. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2020.
- _____. **O estrangeiro**. Tradução de Valerie Rumjanek. 12. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2019.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Os demônios**. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Desenhos de Claudio Mubarak. 6. ed. São Paulo: Editora 34, 2018.
- ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. **A ideologia alemã**. 1. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.
- FAVERO, Roberto. **Sartre: Uma filosofia em defesa da liberdade e da ética**. Interthesis, Florianópolis, v.15, n.2, p. 19-37, maio – agosto, 2018.
- HOSPITAL SANTA MONICA. **Quais as principais doenças psiquiátricas?** Entenda como tratá-las. 12 julho 2019. Disponível em: <<https://hospitalsantamonica.com.br/quais-as-principais-doencas-psiquiatricas-entenda-como-trata-las/#comments>>. Acesso em: 17 outubro 2021.
- HOSTE, Vinicius. A constituição da angústia em Sartre: do patológico ao ontológico. **Sofia**, Vitória, v. 5, n. 2, p. 445-462, agosto – dezembro, 2016.
- JUNIOR, C.; ARDANS-BONIFACINO, H.; ROSO, A. A construção do sujeito na perspectiva de Jean-Paul Sartre. **Rev. Subj.**, Fortaleza, v. 16, n. 1, p. 119-130, abr. 2016. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692016000100010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 23 maio 2021.

MARTINS, Montserrat. Depressão, o mal do século, artigo de Montserrat Martins. **EcoDebate**, 2013. Disponível em: <<https://www.ecodebate.com.br/2013/07/25/depressao-o-mal-do-seculo-artigo-de-montserrat-martins/>>. Acesso em: 31 junho 2021.

NUNES, Sylvia. Racismo no Brasil: Tentativa de disfarce de uma violência explícita. **Psicologia USP**, São Paulo, vol. 17, núm. 1, p. 89-98, março 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pusp/a/kQXPLsM8KBkZYSBTnTGhvmj/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 18 outubro 2021.

PAIVA, R. Consciência humana e absurdidade em Camus. **Discurso**, [S. l.], n. 33, p. 153-172, 2003. DOI: 10.11606/issn.2318-8863.discurso.2003.38068. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/38068>. Acesso em: 23 maio. 2021.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada – Ensaio de ontologia fenomenológica**. Tradução de Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. **O existencialismo é um humanismo**. Tradução de João Batista Kreuch. 4. Ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SÓFOCLES. **A trilogia tebana**: Édipo Rei, Édipo em Colono, Antígona. tradução do grego, introdução e notas de Mário da Gama Cury. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.